

02/08/91

Belfort responde rijo a Fearnside e Massambani

Infantilidade, desconhecimento total de causa e de aritmética, foram os adjetivos empregados pelo secretário José Belfort dos Santos Bastos, do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, para repor "a verdade dos fatos" a constatar as críticas feitas pelo diretor do Departamento de Ecologia do Inpa, Philip Fearnside; Oswaldo Massambani, professor da Universidade de São Paulo e de um cidadão identificado apenas como Alfredo Machado, ao Código Amazônico, idealizado e lançado pelo governador Gilberto Mestrinho.

Segundo Belfort, o pesquisador Fearnside, que afirmou ter sido "um grande escândalo do governo Mestrinho" a aprovação do Co-deama para o início do funcionamento da Hidrelétrica de Balbina, equivocou-se totalmente.

— Ele não sabe o que está dizendo. Em primeiro lugar, para falar mal de Balbina, estando em Manaus, ele deveria desligar todos os aparelhos elétricos que tem em sua casa, assim como não deveria jamais utilizar um elevador quando fosse a qualquer edifício em Manaus, ironizou o secretário ao lembrar ao pesquisador que toda a energia que é consumida em Manaus provém da hidrelétrica.

Observou, ainda, que não tem nenhum sentido um indivíduo falar mal daquilo que utiliza para seu conforto e que, Balbina, que "o beneficia, deveria fazê-lo compreender que se toda a área onde está implantada fosse desmatada para o plantio de arroz, milho, feijão ou outras culturas que tivesse um comportamento semelhante ao que ocorre no sul do país, onde um hectare produz cerca de 300 a 350 dólares, iria ver que no Amazonas, Balbina, do jeito que está alagada, cada hectare impede que o governo gaste 850 dólares à importação de alimentos, ao passo que, se estivesse desmatada como se fez no Sul ou no restante do mundo através da política de terra arrasada, o que tem garantido o desenvolvimento, não daria uma economia da ordem de 800 dólares. "Daí, falar mal de Balbina é uma falácia que deve parar agora".

Massambani — Sobre as críticas feitas pelo professor da USP de que as decisões sobre o futuro da região amazônica podem ficar concentradas nas "mãos de pouquíssimas pessoas", Belfort indagou:

— Se ele considera 16 milhões de habitantes um pequeno número na Amazônia, está falando corretamente. Mas, se este número pesa alguma coisa, então não serão apenas 16 milhões que iriam decidir sobre sua própria terra. Essas pessoas residem aqui e o Código Amazônico tem a grande virtude de interar em nossa região as decisões sobre o

Ninguém quer destruir nada, pelo contrário, conservamos essa gigantesca floresta até hoje e assim vai continuar a ser feito. Agora, o que não mais podemos admitir é que pessoas sem nenhum conhecimento de causa e que vêm aqui apenas com passagem de volta marcada passear ou fazer rápidos cursos, passem a decidir sobre a nossa terra e destino.

Segundo o secretário, 16 milhões de pessoas não é, em momento algum, um pequeno número na Amazônia. "Naturalmente que vão retrucar que não serão estes 16 milhões a decidir. Quem decidirá será as Assembleias Legislativas, eleitas pelo voto livre e direto desses 16 milhões e que darão a palavra final dentro do Código Amazônico".

Machado — O sr. Machado está certo quando diz que o governador Gilberto Mestrinho pode propor o que quiser, e ele está fazendo isso, rebateu o secretário ao observar que se for necessário mudar a Constituição para que o documento idealizado por Mestrinho seja aprovado, isso deveria ser feito:

— Todos os especialistas em Constituição afirmam que ela está eivada de erros. Eu sei, mas esses erros, dentro de um relacionamento ecologia/população sejam realmente corrigidos, friso Belfort ao garantir que o governador Gilberto Mestrinho sabe o que quer e o que é melhor à nossa região e gente.

Ao cidadão Alfredo Machado coube, ainda uma rápida aula de cálculos simples de aritmética ministrada pelo cientista:

— Sobre o termo, infundado, de que poderemos perder US\$ 1,5 bilhão às florestas brasileiras que o Grupo dos Sete países mais ricos do mundo está para aprovar, isso me parece até uma infantilidade do sr. Machado. Eu pergunto: será que ele realmente já viu qualquer país rico destinar dinheiro ao Brasil? Afirmando, no entanto, que a recíproca é verdadeira, isto é, todos os anos nosso país destina de seus poucos recursos cerca de 10 bilhões de dólares, às vezes um pouco mais ou um pouco menos para que estes países fiquem cada vez mais ricos à custa do nosso sangramento para manter essa dívida externa, disse Belfort.

— Se ele tivesse lido com mais atenção aos jornais ou visto com frequência os noticiários televisivos, saberia que o G-7 deverá nos enviar uma esmola de US\$ 50 milhões, totalmente amarrada, da qual não vamos poder dispor como deveríamos e, dentro de dois anos, talvez, 250 milhões de dólares e, em 86, este valor atingiria 1 bi e 200 milhões. Ora, estamos em 1991 e até lá serão cinco longos anos; daí que não precisa ser um expert em aritmética para saber que, neste intervalo, o Brasil já enviou aos países ricos 50 bilhões de